

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

D O
Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura
IBECC

(Comissão Nacional da UNESCO)

Sede: Palácio Itamaraty - Rio de Janeiro, DF. - Brasil

EXPOSIÇÃO DO LIVRO FOLCLÓRICO

- DISCURSO PROFERIDO PELO PROFESSOR DANTE DE LAYTANO, SECRETÁRIO-GERAL DA COMISSÃO SUL RIOGRANDENSE DE FOLCLORE, EM NOME DAS COMISSÕES ESTADUAIS DE FOLCLORE, NA INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DO LIVRO FOLCLÓRICO, NA BIBLIOTECA NACIONAL, A 19 DE DEZEMBRO DE 1957.

A Exposição do Livro Folclórico que a Biblioteca Nacional inaugura hoje, em homenagem ao X aniversário da Comissão Nacional de Folclore do IBECC, Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, Comissão Nacional da UNESCO, representa acontecimento importante na vida intelectual do país.

É grato ao coração de homem da província, anima-lhe a alma confinada ao estreito âmbito regional e faz com que seu espírito integre-se na amplitude das coisas pátrias, o falar em nome das Comissões Estaduais de Folclore, neste ato que lembra uma efeméride excepcional, uma iniciativa de coragem na história do pensamento e uma atitude rara na evolução das diretrizes estéticas no quadro das letras e artes da Nação brasileira.

Creio que as Comissões Estaduais de Folclore, das quais sou um modesto porta-voz, permitam-me que, embora colhido de surpresa pela amabilidade do convite de falar nesta solenidade, diga, interprete e discursse em nome delas para expressar a satisfação que representa essa exposição do Livro Folclórico.

Satisfação e orgulho, muito mais orgulho que satisfação, por termos atingido ao ponto a que chegamos, pelo esforço, devoção e amor à causa do estudo e da análise das tradições populares, na técnica de pesquisa, no exame do trabalho de campo e na tarefa difícil de scrutar o íntimo da gente do povo.

A Biblioteca Nacional tão bem dirigida pelo Professor Celso da Cunha, expressão da inteligência brasileira, é uma casa ilustre, respeitável e de um passado digno e admirável.

Aqui vivem os livros a glória da eternidade. Assim a Exposição promovida pela Biblioteca Nacional, onde ainda encontramos as sombras amigas e encantadoras de um Ramiz Galvão, um Constancio Alves ou um Rodolfo Garcia, para citar apenas alguns, oficia-se, tem lugar, em recinto sagrado.

O IBECC que está presidido por uma figura de elite que é o eminente Professor Themistocles Cavalcanti, autoridade respeitada em Direito Administrativo e Constitucional, sempre deu grande atenção aos problemas de Folclore. Mas perdõe-me a incursão na seara alheia, a mais desenvolvida, útil, animada e produtora das Comissões do IBECC é, sem dúvida, sua Comissão Nacional de Folclore.

Decorridos dez anos de balanço é de um saldo impressionante: Congressos, Publicações, Semanas Nacionais, Documentários e as mais variadas manifestações para o desenvolvimento do Folclore Brasileiro.

Culminando com as palavras do Sr. Juscelino Kubitschek, primeiro mandatário da República, que emprestou o prestígio da Presidência à obra dos cientistas que investigam o Folclore, como o fez no III Congresso Brasileiro de Folclore que se promoveu este ano na Bahia.

O Sr. Ministro das Relações Exteriores, José Carlos de Maceo do Soares, a quem está afeto o IBECC, demonstra inúmeras vezes sua preciosa atenção para com o Folclore.

O Sr. Ministro de Educação, Doutor Clovis Salgado, criando o Grupo de Trabalho, que se transformará na Campanha Nacional de Pesquisas de Folclore, mostra sua consideração e valioso aprêço ao que se tem feito nesse sentido.

A metodologia da pesquisa e as escolas diversas que existem no mundo tem preocupado o folclorista brasileiro, bem como as relações, autonomia e a interdependência das diversas ciências com o Folclore. A Antropologia, a História, a Etnografia, a Sociologia, e a Musicologia são férteis para a sementeira do Folclore que nasce planta de vida própria.

Léo Fobrenius e a escola alemã, os anglo-americanos como Franz Boas, Herskovits, Frazier, Stith Thomson e Ralph Boggs etc.; os Russos e a Finlândia, como centro modelo de restauração de tradições; a obra de Mendes Correia e Jorge Dias, em Portugal; os espanhóis; os franceses da força de Georges Henri Riviére, Van Gennep, Paul Rivet, Santyves e numerosos mais, os países de fala francesa ou fala espanhola; os italianos com o Mestre Raffaele Corso à frente estão sempre em cogitação de parte dos brasileiros que desejam fazer do Folclore disciplina, cátedra, ciência.

O Folclore no Brasil teve o seu primeiro estágio com Silvio Romero, Melo Moraes, Santana Nery e João Ribeiro que lhe deram estrutura, origem, formação e salvaram, ao lado de muitos outros, o patrimônio das tradições populares. Mas, em tempo algum, no Brasil, verificou-se um movimento de equipe como o da Comissão Nacional de Folclore que, do norte ao sul, conseguiu despertar a consciência dos estudiosos, que reuniu, aglutinou e juntou os interessados na sobrevivência das fontes da cultura popular. Tendo em vista o desprezo não só pelo Folclore mas ainda pelo próprio interesse para com o povo e mais as tendências antegregárias, isolacionistas, individualista, pessoal, entre nós, pode-se aquilatar o que representa a data de hoje: dez anos de existência da Comissão Nacional de Folclore, dez anos, não de marasmo, comodismo, inércia e sim de luta, realizações, atividades, combate e produção. Entretanto esta obra não existiria, era hoje coisa morta e seria absolutamente insignificante se não fora uma figura de notável elan que é Renato Almeida, Secretário Geral da Comissão Nacional de Folclore. Seu dinamismo envolvente, sua capacidade intelectual de trabalho que a todos contamina e suas qualidades inatas de líder, chefe de escola e domínio espiritual pelo fascínio de suas virtudes, força de sua amizade, e nobreza de suas atitudes, fazem de Renato Almeida o homem excepcional que conseguiu atrair para as hostes dos folcloristas grandes nomes nacionais e aqui menciono comovido o de Cecília Meireles, genial poeta do Brasil, admirável cantora dos mares, da História e das viagens, evocadora dos mais sedutores momentos espirituais dos submersos mundos interiores.

Renato Almeida, também soube ir às províncias, lembrou-se dos Estados da Federação e não esqueceu os operários que mourejam quase sem títulos e de poucas esperanças na árdua tarefa do imenso compromisso de fazer literatura, ciência e arte, nas capitais do interior, onde o eco das próprias palavras desaparecem abafadas no silêncio das ruas quase sempre tranquilas. Os provincianos de todo o Brasil são gratos a Renato Almeida por ter tido a simples mas inescusável amabilidade de convidá-los para organizarem as Comissões Estaduais de Folclore. Rossini Tavares de Lima e Oswald de Andrade Filho, em São Paulo; René Ribeiro, em Pernambuco; José Calazans, na Ba

hía; Loureiro Fernandes, que dirigiu, por muito tempo a Comissão Paranaense de Folclore e Aires da Mata Machado Filho, em Minas Gerais, apenas para mencionar os das províncias mais prósperas, responderam com entusiasmo ao apelo do Secretário-Geral e transformaram suas províncias em laboratórios de pesquisa experimental no campo do Folclore. Atenderam, com o mesmo sentimento de colaboração, Alagoas, com Theo Brandão; Santa Catarina, com Oswaldo Cabral; Espírito Santo, com Guilherme Santos Neves; Paraíba, com Leon Clerot e Arnaldo Melo; Paraná, com Armando Bordalo; Maranhão, com Domingos Vieira e o Ceará, com a Dra. Henriqueta Galeno e Florival Seraine. E tantos e tantos outros, incluindo-se o magnífico Luís da Câmara Cascudo, aplaudido e admirado, que foi o Relator Geral do I Congresso Brasileiro de Folclore, promovido pela Comissão Nacional de Folclore, em 1951.

A Província é mais propícia no zelo das tradições da comunidade e desta forma o chamamento de Renato Almeida encontrou terreno preparado. A sobrevivência dos costumes, a manutenção da linguagem, a circulação das lendas, a repetição de versos, o desempenho das danças, a fixação da continuidade dos folguedos, são privilégios da Província e não se transplantam ou se exportam.

Assinala-se também o décimo aniversário com o aparecimento de um livro notável, ótimo e esplêndido: "Inteligência do Folclore", de Renato Almeida.

Apenas uma nota infelizmente destoa da festa magna dos dez anos: é a morte de Basílio de Magalhães, nosso destacado companheiro da Comissão Nacional de Folclore. Nascido em São João-del-Rei, em 1874, e falecido a 14 de dezembro, em Minas Gerais, depois de uma longa e bela vida de serviços prestados à Pátria e à Cultura.

ILB.